

RUBEN: AUTORRETRATO

Karen G. S. Silva¹

Nascida em Milão, no ano de 1959, Gabriella Kuruvilla é pintora, escritora, arquiteta e jornalista de profissão. Além de seu conto “Ruben”, publicado em 2005 pela editora Laterza, como parte da antologia *Pecore Nere* (Ovelhas Negras), a autora tem contos e romances publicados por diversas editoras italianas e já teve obras traduzidas e publicadas nos Estados Unidos e na Alemanha. Filha de pai indiano e mãe italiana, esse conto retrata sua vivência enquanto segunda geração de migrantes na Itália e sua experiência dissidente com a maternidade.

Autoficcional, Ruben é um relato com camadas de significado complexas e entrelaçadas, a mais evidente é certamente o dilema da maternidade enfrentado pela protagonista e sua relação ambígua com a gravidez e o tornar-se mãe. Com humor e ironia, Gabriella Kuruvilla nos faz refletir sobre medos e angústias de uma gestante, desde o início relutante até aceitar a gravidez. Em meio à família e amigos cada vez mais animados com a chegada do bebê, a personagem reflete que “As crianças nunca me despertaram sentimentos positivos. Indiferença e irritação, talvez”. Nenhum nome é mencionado no texto, então, só podemos inferir que temos em mãos uma obra autoficcional pelo título (e pela narração em primeira pessoa), mas isso só ao tomar conhecimento da biografia da autora e saber do nascimento de seu filho, Ruben, dois anos antes da publicação do conto.

A forma como a gestação e a espera por um filho é abordada quebra totalmente com o mito da maternidade como a maior realização da vida de uma mulher e os parâmetros estabelecidos pela sociedade de como uma gestante deve se sentir ou se comportar. Logo na primeira cena, o leitor se depara com uma mulher grávida bebendo, fumando e pintando até altas horas da madrugada, questionando-se se quer ou não de fato ser mãe. Uma mulher que aos 7 meses de gravidez ainda trabalha até às 3 horas da manhã, frequenta shows e só volta para casa ao amanhecer é um choque e um desconforto ao leitor comum habituado a uma maternidade idealizada.

Em diversos momentos do conto nos deparamos com um distanciamento intencional e curiosidade relutante sobre esse ser estranho crescendo em seu ventre. Mesmo após decidir levar a termo a gestação, a personagem permanece em negação sobre o futuro e a chegada desta criança:

¹ Graduanda em Letras – Bacharelado Português e Italiano (Estudos da Tradução).

É difícil explicar, e na verdade não explico, mas aquele carrinho me perturba. Não consigo me imaginar mãe de jeito nenhum. Por ora, só tenho a barriga. Enquanto isso, a amiga se preocupa com você, e com os seus deslocamentos: que inveja, queria poder viver a sua espera com o mesmo entusiasmo (Kuruvilla, 2005, tradução nossa).

E é durante o parto que essa hesitação e esse medo se tornam evidentes até para a equipe médica, “A obstetra sentencia: ‘Você não quer que ele saia’”.

Mas Ruben nasce e, apesar de o medo vencer num primeiro momento, é quando a mãe o amamenta pela primeira vez que temos uma das cenas mais ternas do conto:

Te trazem para mim. Te pego nos braços e te aproximo do meu seio. Você começa a sugar. É mágico. Eu queria que você não se desgrudasse nunca mais. A minha vida, agora, tem o seu significado. Te amo. Nunca senti algo assim. Tão perfeito e pleno. Nessa, na sua, doce fragilidade (Kuruvilla, 2005, tradução nossa).

Esse momento de ternura imensa e amor incondicional pelo filho realiza e dissolve as tensões da gestação. Porém, apesar do grande amor e cuidado, o estranhamento e a busca por se ver no filho parido permanece presente ao longo da narrativa.

Outro eixo do conto é a questão racial, que perpassa todo o texto e tem enorme impacto nos medos e relutâncias da personagem em relação à maternidade. Como filha de mãe italiana, ela não sofre o drama de muitas crianças nascidas na Itália, mas que não são reconhecidas como cidadãs por terem pais estrangeiros. Como filha de pai indiano, Gabriella sofre na pele a discriminação e a angústia de não se sentir pertencente a nenhuma pátria e a reflete na sua personagem:

No meio, eu. Que pertencia a uma única nação, a italiana, porque a outra agora tinha sido abandonada. Estávamos na Itália. Estávamos em Milão. Da Índia existiam apenas fotos, fascinantes como um vaso chinês. Um objeto que caracteriza a decoração. Não a identidade pessoal. É verdade que eu comia muito arroz com *curry* e pouca macarronada. Mas quem se sente americano comendo um hambúrguer? (Kuruvilla, 2005, tradução nossa).

Ao expor a chaga do racismo e o apagamento da sua segunda cultura, de sua herança paterna, ela trata também dos medos que a afligem pelo filho, do sentimento de não pertencer a lugar nenhum e da dor da discriminação, raízes profundas do seu medo da maternidade, do seu pavor de passar esse sofrimento a uma criança inocente:

Só quando me chamavam de negra é que, de repente, eu me lembrava. E, imediatamente, queria esquecer. Aquilo que machuca, geralmente, se elimina [...]. Eu era feita de duas metades que não se encaixavam. Que não se comunicavam. Uma havia nascido. A outra continuava em gestação. E corria risco de aborto. [...] As pessoas me olham, nos olham. [...] Minha vida inteira eu nunca quis ser vista como um corpo estranho e diferente, não quero que te aconteça o mesmo. E agora nos está acontecendo (Kuruvilla, 2005, tradução nossa).

Essa foi também uma questão que se sobressaiu no processo de tradução. Ao me deparar diversas vezes com o termo “*nero*” se criou um dilema de qual ou quais palavras usar na tradução. Na Itália como um todo, mas particularmente no Sul, o termo é usado para designar pessoas que apresentem pele que bronzeia facilmente e cabelos e olhos escuros, por exemplo, os sicilianos são muitas vezes descritos como *neri*. Assim como no Brasil, a palavra “negro” pode ter cunho racista, dependendo do contexto e da intenção do falante. Mas como adequar isso também ao contexto migratório que se apresenta na Itália e não é muito comum no Brasil? Pensar sobre o assunto me fez perceber um apagamento cultural, no Brasil ou talvez seja uma questão ocidental, de uma grande parte da população da Ásia. Quando pensamos em “asiático”, a primeira coisa a vir a mente nunca é a figura de um indiano, paquistanês ou iraquiano. Temos uma imagem muito excludente e restrita desse que é o maior continente do planeta. Isso gerou uma dúvida de como produzir uma tradução que abordasse o fato de a personagem ter ascendência indiana e atendesse à questão particular do italiano e sua relação com a palavra *nero*.

Durante os espaços de discussão em sala, apresentei a questão aos meus colegas e o debate que se seguiu teve imensa contribuição, tanto para uma nova perspectiva durante a tradução, quanto para nortear minha pesquisa por termos que pudessem contemplar essa complexidade. A expressão “pessoas marrons”, sugerida inicialmente pelo colega Everton Bernardes e usada mundialmente pelas comunidades asiáticas que não pertencem ao leste do continente, apresentou-se como a melhor solução para essa questão de tradução.

A admiração distante que a protagonista tem para com a Índia é também um reflexo de sua relação com o pai e seu afastamento dessa herança paterna. Divórcio, ausência na infância, afeto e filhos negligenciados em favor do trabalho prestigioso construiu um abismo não só familiar, mas também cultural: “Em mim, por outro lado, o apagamento da Índia quase aconteceu. E assim, para a pergunta ‘Você é italiana?’, eu respondia sem hesitar: ‘Meu pai é indiano’”.

É a chegada do neto, desta terceira geração, que faz pai e filha se reaproximarem, “Seu avô liga, está muito feliz e orgulhoso que você exista [...] Desde que você apareceu, ele me liga todos os dias. Tenho a sensação de conter um dom precioso”, e, de certa forma, se reconciliar também com a Índia e com a herança cultural negligenciada, “Talvez você, a próxima geração, saberá se aproximar com maior espontaneidade e naturalidade do seu quarto indiano”.

Gabriella pinta quadros com as palavras e tece histórias com suas pinturas. A forte influência visual se faz presente em todo o conto e na construção das frases e parágrafos curtos. Uma experiência sensorial, sua escrita nos faz passear pelas cenas como em uma de suas exposições.

RUBEN

Non è più tramonto, non è ancora alba. È il lungo e dilatato tempo della notte. Quello affrancato dai ritmi sociali. Quello dedicato al riposo, che spesso trasformo in lavorativo. La mattina preferisco dormire. A lungo. Un piacere a cui non rinuncerei per nulla, e per nessuno.

Guardo l'orologio. Le lancette continuano a scorrere, imperturbabili. È un ticchettio nel vuoto. Guardo il cielo. Nero, limpido, stellato, freddo. Silenzioso. Continuo a pitturare. Sono ancora arrampicata sull'ultimo gradino della scala, con il pennello in una mano e la tolla di colore nell'altra. Una parete della sala sta diventando giallo oro. Intanto ho finito tre Moretti grandi e un pacchetto di Fortuna rosse. Bottiglie vuote e posacenere zeppo. Penso. Non solo al giallo oro. Ma anche al rosa. Al rosa di quel pallino in più che si è impresso sul test di gravidanza. Sono incinta. Non lo volevo. Adesso non so se non lo voglio. Difficile svegliarsi a mezzogiorno se hai un figlio. Ma non si tratta solo di questo.

I bambini non mi hanno mai smosso sentimenti positivi. Indifferenza e fastidio, forse. Le famigliole poi. Me le immagino all'ora di pranzo, sedute intorno a un tavolo di plastica bianca nella triste veranda ricavata davanti al vecchio camper piazzato in una spoglia piazzola di un campeggio della riviera romagnola. Strepiti infantili e chiacchiericcio adulto, in un angolo una televisione che emette in maniera ipnotica immagini e parole enfatizzando un'atmosfera stanca, squallida e banale. Madri sfatte e trasandate, padri grassi e sudati, figli fastidiosi e petulanti. Una grande pentola ribollente cibo, versato come rancio su piatti in ceramica sbeccata.

Non ho mai vissuto qualcosa di simile, ho il terrore di viverlo.

Nessuna madre sfatta e trasandata, nessun padre grasso e sudato. Lei bianca, italiana, capelli castani e occhi verdi. Lui nero, indiano, capelli e occhi neri. Monocromo. Di bianco aveva solo delle macchie sul viso, intorno al mento. Vitiligine. Da stress. L'incontro con l'Occidente aveva impresso sulla sua pelle piccole chiazze chiare. Una strana forma di integrazione.

Genitori profondamente diversi, per cultura. Per aspirazioni. Che ben presto si erano separati lottando, entrambi e divisi, per la loro realizzazione.

In mezzo, io. Che appartenevo a una sola nazione, quella italiana, perché l'altra ormai era stata abbandonata. Eravamo in Italia. Eravamo a Milano. Dell'India esistevano solo delle foto, suggestive come un vaso cinese. Un oggetto che definisce l'arredamento. Non l'identità personale. Certo mangiavo tanto riso al *curry* e pochi spaghetti al pomodoro. Ma non è che uno davanti a un hamburger si senta americano.

Solo quando mi chiamavano negra, improvvisamente, ricordavo. E, immediatamente, volevo cancellare. Ciò che ferisce, solitamente, si rimuove. Il paradosso era che, in India, i bambini mi guardavano e mi indicavano, ridendo. E forse mi chiamavano bianca, ma la loro lingua io non la conoscevo. Non conoscevo niente del loro paese, che avrebbe dovuto essere anche il mio.

Ero composta da due metà che non si integravano. Che non comunicavano. Una era nata. L'altra rimaneva in gestazione. E rischiava di abortire. Però la favola del Brutto anatroccolo mi faceva soffrire: avevo chiuso il libro ed ero scoppiata in lacrime. Mia madre, stupita e preoccupata, mi aveva chiesto: «Perché piangi?», e io, singhiozzando, avevo risposto: «Ma se l'anatroccolo nero diventa bianco la sua mamma come fa a riconoscerlo?». Un modo tutto particolare di interpretare il lieto fine.

Intanto anche mio padre stava diventando italiano. Della sua patria conservava solo i tratti somatici. O solo quelli, visivamente indelebili, dava a vedere. Il suo nucleo nativo veniva lentamente ricoperto da strati di vita occidentale. Dall'angusta stanza di un pensionato studentesco dove dormiva, studiava e mangiava, costretto nella sua situazione di emigrato povero e solo, era passato alla villa con giardino in Brianza, dove veniva riconosciuto e rispettato come Il Dottore. E poteva cambiare abito ogni giorno, scegliendo tra i vari pullover in cachemire che per lungo tempo aveva solo desiderato, ammirandoli dalla strada: in piedi, davanti a un'elegante vetrina del centro milanese. Per questo, probabilmente, non sopportava i miei maglioni sformati, stile hippy.

Ma anche questa è India. Un paese fatto da uomini che considerano la camicia stirata e l'orologio d'oro quasi un dovere. Non importa se poi li indossano sopra al lunghi: un pezzo di cotone arrotolato, a mo' di gonna, intorno alla vita.

In me, invece, la cancellazione dell'India era quasi avvenuta. Così alla domanda «Sei italiana?» senza esitazioni rispondevo: «Mio padre è indiano». Lui, non io. Io che mi stiravo i capelli quando Michael Jackson non era ancora una star. Io che usavo creme a protezione totale nei mesi estivi e pensavo di rifarmi il naso in quelli invernali.

Io che non pensavo di poter avere un figlio. Nel terrore di essere una madre bambina troppo presa da se stessa per potersi dedicare a qualcun altro. Nel terrore di avere un figlio che potesse sentirsi, come me, esiliato in ogni terra. Troppo nero per essere italiano, troppo bianco per essere indiano. Che si stirava i capelli e usava creme a protezione totale dopo essersi rifatto il naso. Nel vano tentativo di riconoscersi in un solo luogo, che è più facile. Incapace di riuscire ad apprezzare fino in fondo questo meticcio. Di essere fiero di queste due metà, che dovrebbero portare a un'addizione, non a una sottrazione. Dovrebbero. Comunque in lui si sarebbe trattato solo di un quartino. La mia eredità. Materiale difficile da gestire, lo sapevo per esperienza. Quindi come potevo regalarlo a qualcun altro, e a sua insaputa, con lieve noncuranza? Forse potevo.

È agosto. Sono al settimo mese di gravidanza. Passeggiamo insieme su una spiaggia della Sicilia. Con il mio corpo, ti avvolgo e ti proteggerò: tu prendi il sole e osservi il mondo. Fai le capriole. Ho un costume a due pezzi, una pancia prominente e una pelle nero pece. A me la melanina fa quest'effetto. Sono più scura di mio padre. Mi sento osservata. Mi butto in acqua, per cancellarmi dagli sguardi degli altri. È un periodo difficile. Non so se riuscirò ad amarti. Non

voglio farti del male. Intanto dalla casa a fianco alla nostra sento bambini cantare a squarciagola canzoncine idiote. Mi sembrano insopportabili. Mi accendo l'ennesima sigaretta, mentre tento di leggere un quotidiano. Telefona il nonno, è contento e fiero che tu esista. «Fumi ancora?». «No, ho smesso». Mento. Sono stufa di farlo preoccupare. Da quando ci sei mi chiama tutti i giorni. Ho la sensazione di contenere un dono prezioso. È per te che vengo seguita e accudita ad ogni passo. Saprò seguirti e accudirti anch'io, ad ogni passo?

Sono incinta e non lo nascondo, porto canottiere corte su pantaloni a vita bassa. La gente mi guarda, ci guarda. Siamo tornati a Milano. Non posso neanche più buttarmi, buttarci, in acqua. Che palle. Da sempre non ho voluto essere vista come un corpo estraneo e diverso, non voglio che capiti anche a te. E adesso ci sta succedendo.

Manca neanche un mese alla tua nascita. Vado in bicicletta. Sono sicura, a te la bici piace. Non sobbalzi neanche se prendo una buca. Placido. Forse stai giocando con il cordone ombelicale. Balli, anche. Seguendo il mio corpo, con il mio corpo, dentro al mio corpo. Andiamo ai concerti e balliamo insieme. In perfetta sincronia. Torniamo a casa quando il sole sorge e crolliamo sul letto, esausti. Forse ti sto chiedendo un po' troppo.

Comunque dall'amica che mi ha comprato il passeggino vado in bicicletta. È chiaro che, con questo potente mezzo sotto i piedi, io quel passeggino non potrò riportarlo a casa. Ma l'amica, previdente, lo carica in macchina. «Te lo porto io». «Ah, grazie». È difficile da spiegare, e infatti non lo faccio, ma quel passeggino mi disturba. Non riesco proprio a immaginarmi mamma. Per adesso ho solo la pancia. Mentre l'amica si preoccupa per te, e per i tuoi spostamenti: la invidio, vorrei vivere la tua attesa con lo stesso entusiasmo.

Non c'è niente in casa per te. È vero, ho completamente liberato la camera dalla libreria Ikea zeppa di colori, di tessuti, di colle, di forbici, di pennelli e di bottiglie di sabbia. Materiale da lavoro di una gestante che dipinge fino alle tre di notte. E che solo quando ti sente scalciare troppo forte decide che sta esagerando e se ne va a letto.

Adesso quella che è sempre stata la mia camera, e che presto sarà anche la tua, ha solo un aspetto più zen. Non c'è neppure la culla. È rimasta in deposito a casa della nonna, luogo innocuo e linea d'ombra. Dove potrei portare anche il passeggino.

La mia – la nostra? – è una camera vuota, non fosse per il materasso a una piazza e mezza poggiato su una pedana in legno. La sagra degli spigoli, perfetta per un neonato: puoi picchiare dove vuoi e hai un sacco di probabilità di farti male, ma male davvero. Altro che una botticina, così ti assicuro un bel taglietto.

Comunque il passeggino non lo voglio. Ma è un regalo. L'amica me lo sta portando a casa in macchina. Non posso dire di no. La seguo in bici. L'aiuto a caricarlo sull'ascensore e a trasportarlo su per un piano. Lo metto in sala. Oddio, ma non può stare sul balcone? Magari schiacciato in fondo, dove non lo vedo. Il tuo papà è entusiasta. Lo vuole aprire e montare subito. Anche l'amica fibrilla. «Apriamo-Montiamo!». Vorrei chiudermi in bagno. Idea. «No, guardate, aperto e montato occupa un sacco di spazio... meglio lasciarlo dov'è». Leggo la delusione nei

loro occhi. Seguono attimi di silenzio, di quelli interminabili. Poi si avvicinano alla scatola. Cristo, è impossibile trattenerli. Strappano pezzi di scotch e alzano angoli di cartone. Potrei svenire. Lo estraggono, in parte. Ansia. Poi convengono con me: «No, è un casino...». Fiù. Scampato pericolo. Mi avvento sul loro oggetto del desiderio e lo rimballo come posso. Lo appoggio in un angolo. Che sia il meno ingombrante possibile. E non è solo una questione fisica.

Non ti immagino. Ma temo. Temo che tu possa essere sordo, muto, cieco. Tutte cose che un'amniocentesi non può dirti. Temo anche che ti manchi un braccio, o una gamba. Cose che le ecografie hanno scongiurato, ma chi può dirlo. Temo anche che tu sia stupido e brutto.

Non sono una stronza. Sono cose che quasi tutte le mamme temono. C'è scritto anche sulle riviste femminili. Certo non tutte le mamme temono queste cose. Ma io sì. Faccio parte dell'altro gruppo. No, ascolta, non è il gruppo delle stronze. È di quelle che non si fidano. Né della vita, né di se stesse.

Dunque temo. Ma non è del tutto vero che non ti immagino. Faccio finta di niente ma sotto sotto penso che tu sia nero: di pelle, di capelli e di occhi. Assolutamente nero. Come tuo nonno. I caratteri scuri vincono sempre. Dicono. Mai credere ai calcoli genetici. Mai puntare tutto sul DNA.

E penso anche che tu possa avere i dread. Sì, alla nascita. Probabilmente dopo il tuo primo vagito non sventolerai la bandiera della Giamaica ma, insomma, quasi ci siamo. Ora perché Giamaica e non India? Dunque l'India è la patria del nonno ma ha prodotto guru e non reggae, e io preferisco la musica. Ma questi sono dettagli. Per dimostrare che sei nel mondo urlerai «Uèèèè» invece di cantare *No woman, no cry*. E io, forse, riuscirò a sopportarlo.

Sono le quattro del mattino, striscio sul pavimento e mi attacco ai mobili. Un mal di stomaco così forte non l'ho mai avuto. Alla fine mi convinco e chiamo la ginecologa. Mi consiglia di andare in ospedale. Andiamo. Con me non porto nulla. Penso che mi dimettano subito con un buon antidolorifico in mano. Mi accompagnano immediatamente in sala parto. Stai per nascere. Maglietta e pantajazz neri, anfibi rossi. Che qualcuno mi compri una vestaglia ricamata e delle ciabattine rosa. Non è un rave, questo.

Spingi, spingi, spingi. Non ne posso più. Non esci. «Fatemi l'epidurale». «Datemi una sigaretta». «Torno domani». Niente. Niente anestesia, niente fumo, niente casa. Rimango lì. Prima seduta nella vasca, poi accovacciata in terra, infine sdraiata sul lettino. Il tuo papà mi accarezza i capelli e mi tiene la mano. L'ostetrica mi dice: «Sei bellissima». I complimenti aiutano il parto? Io non inveisco contro di loro, non grido parolacce agli estranei e non mi lancio in urli scomposti. Vorrei solo l'epidurale, una sigaretta e tornare domani. Se fosse possibile. L'ostetrica adesso sentenza: «Lei non vuole farlo uscire». Cazzo, ma ha fatto medicina o psicologia? «Certo che no, sa benissimo che casini ci sono qui fuori». Arriva un donnone. Mi schiaccia la pancia. Esci. Quattordici (14!) ore di travaglio. Eh già, stavi giocando col cordone ombelicale. Lo sapevo. Potevi mica meditare a braccia conserte e a testa in giù. Quasi quasi preferivo un guru. Mica volevo per forza un cantante rasta. Comunque sei uscito. Ed hai urlato

«Uèèèè». *No woman, no cry* l'ascolterò alla radio. Mi chiedono se voglio prenderti in braccio. Mica scema. Magari ti manca un pezzettino di corpo e io ci rimango secca. Ok, sono una stronza. Comunque ti prende in braccio il tuo papà, che mi ha assistito tutto il tempo senza fumarsi neanche una sigaretta. E già per questo è ammirevole. E poi ti ha tagliato il cordone ombelicale. Sei di entrambi, non solo mio. Gli chiedo: «Com'è?». Risponde: «Bello». Mica mi dice bianco, biondo, con gli occhi azzurri.

Mi portano in una stanza asettica e mi fanno sdraiare in un letto. Tra poco arriverai, dicono. Ti stanno visitando. Sei perfettamente sano. Ti portano da me. Ti prendo in braccio e ti avvicino al seno. Inizi a succhiare. È magia. Vorrei che non ti staccassi mai. La mia vita, adesso, ha il tuo significato. Ti amo. Non ho mai provato una sensazione simile. Così perfetta e piena. Nella sua, nella tua, dolce fragilità.

Tuo padre viene a trovarci ogni giorno, appena può. Il suo sguardo, e il suo abbraccio, sono una assoluta e immensa poesia, che ti sta dedicando.

Hai due mesi. Andiamo dalla pediatra. «Questo bimbo ha gli occhi azzurri». «Non scherzi, è perché lo allatto, poi cambiano, e diventano neri». Credenze popolari. Ribatte con sapienza medica: «No, no, sono azzurri». Ma vaffanculo! Intuisce il mio disorientamento. Scatta la domanda: «Ma è contenta di avere questo bambino?». Oddio, ma che c'entra? Certo che sono contenta. C'è solo un piccolo disguido cromatico.

È passato un anno e mezzo. Sei lievemente ambrato, castano chiaro, con gli occhi grigio-verdi. Sei bello. Bellissimo. Da chi hai preso? Salamadonna. Hai fatto un miscuglio tutto tuo, scegliendo bene tra i caratteri chiari. Fetente. Sei perfetto per le pubblicità della Pamper's. Per un attimo ho pensato di lucrare sul tuo aspetto fisico. Poi mi è venuto in mente il tuo papà, che delle fotomodelle ha sempre detto: «Carne da macello». Manzotin. Ora, noi due siamo vegetariani. Anche se a te, forse, una cotoletta non dispiacerebbe. Induista né per scelta né per tradizione, ma per imposizione. Mentre tuo nonno, cattolico di nascita, pasteggia a filetti di manzo. E, appena può, va a caccia. Unico svago, in una vita dedicata al lavoro. E a te, da quando sei nato. Che lo ricambi con «Oooohhhhh» entusiastici davanti alla sua collezione di uccelli imbalsamati. Quella che a me è sempre sembrata una macabra esposizione a te sembra una splendida sfilata. Vi immagino in un campo all'alba, entrambi con il fucile in spalla. La discendenza ha saltato una generazione. Siete simili? Uno nero, l'altro bianco. Nonno e nipote. Magari anche tu deciderai di iscriverti a medicina. E riuscirai a diventare primario, perché tanto è difficile imbattersi in un primario nero tanto è facile incappare in un primario bianco. Ma, sinceramente, non mi importa. Sarai quello che vorrai essere. Le mie paure erano altre.

Io temevo. Temevo che anche tu potessi subire delle discriminazioni razziali. E invece qui mi va bene se non ti iscrivono ad honorem al Ku klux klan. Basta che non ti trovino in tasca una foto del nonno.

Poi le battute degli amici. Una su tutte: «Quando lo andrai a prendere all'asilo i suoi amichetti gli chiederanno: 'Chi è quella, la tua baby sitter?'».

Siamo stati a Bonassola l'estate scorsa. Pieno di bimbi. Ci sono più passeggini (argh!) che macchine. Pieno di baby sitter. Manco a crederci: tutte indiane. E che sorrisi di solidarietà mi facevano. Ricambiavo per cortesia. Ma volevo scrivermelo in fronte: «Gentili signore, non sembra, ma sono la mamma».

Epoi guardateci bene, siamo uguali. Solo che la carta copiativa ha sbagliato i colori.

Ti faccio il bagnetto. La mia mano, nera, passa sulla tua spalla, bianca. Sono imbarazzata. Mi sento veramente la tua baby sitter. Ti vergognerai di me, da grande? Sembriamo due entità assolutamente distinte. Eppure sei uscito dal mio corpo. Da giugno a settembre ti ho messo al sole per quattro mesi di seguito, anche a mezzogiorno. «Ma gli ha spalmato la crema protettiva?». «No, l'ho immerso nell'abbronzante». Problemi? Sì, ce n'è uno: sei diventato biondo cenere.

E continui a essere bellissimo. Gattoni, socializzi, ridi. In spiaggia ti adorano. Muovendoti a quattro zampe ti avvicini agli altri ombrelloni. Non stai mai al tuo posto. Hai bisogno di conoscere e di esplorare. Sospetto che tu abbia anche bisogno di famiglia, e invece qui ci siamo solo io e la nonna. Tra me e il papà non va bene. Mi dispiace, ma ti sto riproponendo la stessa forma di famiglia separata. Che a me proprio non era piaciuta. Intanto tu gattoni, socializzi, ridi. Sei in mezzo al mare, calato in un salvagente, e una signora nuota fino a raggiungerti perché vuole vedere da vicino questo splendido bambino. Mi chiede: «Lei è la mamma?». «Ehm bè, sì già». Non si direbbe? E intanto mi becco complimenti su complimenti. Per te, grazie a te. Ti sdrai sopra di me, spalmato come il pane sulla nutella. Capovolgi anche le azioni più comuni.

Sei amato. Profondamente. Il sentimento che più mi colpisce è quello di tuo nonno. Che un giorno mi dice: «Non ho mai provato lo stesso affetto né per te, né per tuo fratello». Ci sono diverse foto di noi da piccoli. Siamo uguali a te. Stessi lineamenti, diverse cromie. Sembriamo prodotti da un solo stampo, made in India. Che costa anche meno.

Mio padre cammina per strada e ti tiene stretto contro il petto, con la tua testa appoggiata sulla sua spalla. La sua tenerezza mi era sconosciuta. Sei l'infanzia che, da nonno, riesce finalmente a vivere, amare e accudire. Cancelli il suo nervosismo e rimandi i suoi impegni. Si dedica a te, annullando il mondo che lo circonda e creando un nuovo universo, in cui esistete solo voi due. Lui, lo straniero, e tu, l'italiano.

Lui è venuto qui in nave, senza soldi e pieno di speranze. Ha abbandonato una famiglia e uno status. Si è ritrovato in una terra ostile. Ha lottato per essere riconosciuto, come uomo e come professionista. È comunque un indiano. È comunque un nero. Ed è l'unico che non si stupisce dei tuoi colori. Come se per lui, i colori, non esistessero. Solo una volta, da bravo medico, mi ha detto: «Gli manca la vitamina B, è per questo che dà sul rossiccio». No, papà, nessuna scappatoia. È castano chiaro, quando non esagera con quel diavolo di biondo cenere. Ma appena diventa un po' più grande gli facciamo la tinta. E poi lo portiamo in India.

Nella casa di famiglia: potrai giocare a fare il piccolo proprietario terriero bianco, moderna trasfigurazione del Buddha. E al primo che urlerà «Cazzo, sono tornati i coloni inglesi», cercheremo di spiegarglielo che sei il nipote del nonno. Forse tu, generazione seguente, saprai avvicinarti con più spontaneità e naturalezza al tuo quarto indiano. Che già matematicamente pesa di meno e si diluisce meglio. Ma probabilmente i bambini neri ti guarderanno e ti indicheranno ancora, e di più. Sempre ridendo. Loro non ti potranno riconoscere come fratello, spero invece che tu riesca a farlo. Intanto andiamo ai giardinetti, sotto casa. Una piccola oasi infantile circondata da una rotonda per le macchine e cinta dai muri dei palazzi. Filtra il sole, c'è da non crederci. Poco poco. Meglio così: a te, da vero nordico, il caldo e la luce troppo forti danno fastidio. Sul dondolo c'è una bambina di colore. Ti porto a giocare con lei. Indifferente all'apparenza vi vedo simili. Te ne vai, corri verso una bambina bianca, bionda, con gli occhi azzurri. Le dai pure un bacino. Ma lo fai apposta?

Io, che avevo appena fatto amicizia con la mia metà nera, speravo di potermi esaltare in un delirio di africanitudine. Perché già l'India non mi bastava più. Perché l'India, paese a me sconosciuto, per me è sempre e solo stata una delle varie terre del Terzo mondo. Di cui vedevo, in Italia, gli emigrati. Gli emarginati. La loro, identica, situazione. Quindi India, Sud America o Africa: la differenza non esisteva.

E intanto guardo questo figlio in braccio al nonno. Uno sradicato e l'altro radicato, nel paese in cui – per caso e per necessità – ci troviamo. E ogni volta che vi guardo mi commuovo. Siete una splendida foto, in bianco e nero. Clamorosamente diversi e fortemente uniti. One blood.

RUBEN

Não é mais pôr-do-sol, ainda não é aurora. É o longo e dilatado período da noite. Aquele tempo livre de ritmos sociais. Aquele dedicado ao repouso (que com frequência converto em trabalho). Pela manhã, prefiro dormir. Muito. Um prazer que não abrirei mão por nada, nem por ninguém.

Olho o relógio. Os ponteiros continuam a correr, imperturbáveis. Um tique-taque no vazio. Olho o céu. Negro, límpido, estrelado, frio. Silencioso. Continuo a pintar. Ainda estou pendurada no último degrau da escada, com o pincel em uma mão e a paleta de cores na outra. Uma parede do saguão está ficando amarelo-ouro. Até aqui eu matei três litros de Moretti e um maço de Fortuna vermelho. Garrafas vazias e cinzeiro lotado. Penso. Não só no amarelo-ouro. Mas também no rosa. No rosa daquele risquinho a mais que se cravou no teste de gravidez. Estou grávida. Não queria. Agora já não sei se não quero. É difícil acordar ao meio-dia se você tem um filho. Mas não é só isso.

As crianças nunca me despertaram sentimentos positivos. Indiferença e irritação, talvez. E aquelas familiázinhas. Que imagino na hora do almoço, sentadas em volta de uma mesa de plástico branco na varanda triste, armada em frente ao velho *camper* estacionado em um terreno

batido de um acampamento da costa romanha. Gritaria infantil e bate-papo adulto, em um canto uma televisão emite de maneira hipnótica imagens e palavras enfatizando uma atmosfera cansada, derrotada e banal. Mães acabadas e desalinhadas, pais gordos e suados, filhos irritantes e petulantes. Uma panela grande de comida fervendo, despejada como ração em pratos de cerâmica lascada.

Nunca vivi algo assim, tenho pavor de viver.

Nada de mãe acabada e desalinhada, nada de pai gordo e suado. Ela branca, italiana, cabelos castanhos e olhos verdes. Ele marrom, indiano, cabelos e olhos marrons. Monocromático. De branco tinha só as manchas no rosto, em volta do queixo. Vitiligo. Do estresse. O encontro com o Ocidente tinha impresso em sua pele pequenos pontos claros. Uma estranha forma de integração.

Pais profundamente diferentes, pela cultura. Pelas ambições. Que logo se separaram brigando, juntos e separados, por seus desejos e objetivos pessoais.

No meio, eu. Que pertencia a uma única nação, a italiana, porque a outra agora tinha sido abandonada. Estávamos na Itália. Estávamos em Milão. Da Índia existiam apenas algumas fotos, fascinantes como um vaso chinês. Um objeto que caracteriza a decoração. Não a identidade pessoal. É verdade que eu comia muito arroz com *curry* e pouca macarronada. Mas quem se sente americano comendo um hambúrguer?

Só quando me chamavam de negra é que, de repente, eu me lembrava. E, imediatamente, queria esquecer. Aquilo que machuca, geralmente, se elimina. O paradoxo era que, na Índia, as crianças me encaravam e apontavam, rindo. Talvez me chamassem de branca, mas eu não sabia a língua delas. Eu não sabia nada do país delas, que deveria ter sido meu também.

Eu era feita de duas metades que não se encaixavam. Que não se comunicavam. Uma tinha nascido. A outra continuava em gestação. E corria risco de aborto. Mesmo assim, a história do Patinho Feio me causava sofrimento: fechei o livro e me desmanchei em lágrimas. Minha mãe, chocada e preocupada, tinha me perguntado: “Por que você está chorando?”, e eu, soluçando, tinha respondido “Mas se o patinho marrom fica branco, como a mamãe dele faz para reconhecê-lo?”. Um jeito bem particular de interpretar o “felizes para sempre”.

Enquanto isso, até meu pai estava se tornando italiano. Da sua pátria conservava somente os traços somáticos. Ou só aqueles visualmente indelévels se viam. O seu núcleo original vinha sendo lentamente coberto por camadas de vida ocidental. Do pequeno quarto de um pensionato estudantil onde dormia, comia e estudava, forçado à sua situação de emigrado pobre e sozinho, chegou até a *villa* com jardim em Brianza, onde era reconhecido e respeitado como “O Doutor”. E podia trocar de roupa todos os dias, escolhendo um dos vários pulôveres de caxemira que por muito tempo tinha apenas desejado, admirando-os na rua: em pé, parado em frente a uma elegante vitrine do centro de Milão. Por isso, provavelmente, não suportava meus blusões largos, estilo hippie.

Mas essa também é a Índia. Um país feito de homens que consideram a camisa passada e o relógio de ouro quase um dever. Não interessa se depois ficam cobertos pelo *lungi*: um tecido de algodão enrolado feito saia em volta da cintura.

Em mim, por outro lado, o apagamento da Índia quase aconteceu. E assim, para a pergunta “Você é italiana?”, eu respondia sem hesitar: “Meu pai é indiano”. Ele, não eu. Eu que alisava os cabelos quando Michael Jackson ainda não era um pop star. Eu que usava protetor solar fator 100 no verão e pensava em corrigir o nariz nos meses de inverno.

Eu que nem pensava em poder ter um filho. No terror de ser uma mãe imatura, autocentrada demais para me dedicar a outra pessoa. No terror de ter um filho que pudesse se sentir, como eu me senti, exilado em todos os cantos do mundo. Marrom demais para ser italiano, branco demais para ser indiano. Que alisava os cabelos e usava protetor solar fator 100 depois de ter retocado o nariz. Na tentativa vã de me reconhecer em um só lugar, que é mais fácil. Incapaz de apreciar a fundo essa mistura. De ter orgulho dessas duas metades, que deveriam levar a uma adição, não a uma subtração. Deveriam. Em todo caso, nele se trataria apenas de um quarto. A minha hereditariedade. Matéria difícil de gerenciar, sei por experiência própria. Então, como eu poderia presenteá-la a outra pessoa, e sem seu conhecimento, com leviano descuido? Talvez eu possa.

É agosto. Estou no sétimo mês de gravidez. Passeamos juntos em uma praia na Sicília. Com meu corpo, te envolvo e te protejo: você toma sol e observa o mundo. Dá cambalhotas. Uso um biquini, uma barriga proeminente e uma pele cor de petróleo. Em mim, a melanina tem esse efeito. Sou mais escura que meu pai. Me sinto observada. Me jogo na água, para me esconder dos olhares dos outros. É um período difícil. Não sei se vou conseguir te amar. Não quero te fazer mal. Enquanto isso, ouço da casa ao lado crianças cantando a plenos pulmões musiquinhas idiotas. Me parecem insuportáveis. Acendo o enésimo cigarro, enquanto tento ler um jornal. Seu avô liga, está muito feliz e orgulhoso que você exista. “Você ainda está fumando?”. “Não, eu parei”. Minto. Cansei de preocupá-lo. Desde que você apareceu, ele me liga todos os dias. Tenho a sensação de conter um dom precioso. É por sua causa que sou acompanhada e cuidada a cada passo. Será que eu também vou saber acompanhar e cuidar de você, a cada passo?

Estou grávida e não escondo, uso regatas curtas e calças de cintura baixa. As pessoas me olham, nos olham. Nós voltamos para Milão. Não posso nem me jogar, nos jogar, na água. Que droga. Minha vida inteira eu nunca quis ser vista como um corpo estranho e diferente, não quero que te aconteça o mesmo. E agora nos está acontecendo.

Falta menos de um mês para o seu nascimento. Ando de bicicleta. Tenho certeza de que você gosta da *bike*. Você não chuta nem se eu passar em um buraco. Plácido. Talvez você esteja brincando com o cordão umbilical. Dançando, até. Acompanhando o meu corpo, com o meu corpo, dentro do meu corpo. Vamos a shows e dançamos juntos. Em perfeita sincronia.

Voltamos para casa quando o sol está nascendo e desabamos na cama, exaustos. Talvez eu esteja exigindo demais de você.

Vou de bicicleta até mesmo na casa da amiga que me comprou um carrinho de bebê. É obvio que, com esse potente meio de transporte sob os pés, não consigo levar o carrinho para casa. Mas a amiga, prevenida, o leva no carro. “Eu levo para você”. “Ah, obrigada”. É difícil explicar, e na verdade não explico, mas aquele carrinho me perturba. Não consigo me imaginar mãe de jeito nenhum. Por ora, só tenho a barriga. Enquanto isso, a amiga se preocupa com você, e com os seus deslocamentos: que inveja, queria poder viver a sua espera com o mesmo entusiasmo.

Em casa, não tem nada para você. É verdade que eu tirei tudo do quarto: a prateleira da Ikea lotada de tintas, tecidos, colas, tesouras, pincéis e garrafas de areia. Materiais do trabalho de uma gestante que pinta até às três da madrugada. E que só quando sente você chutar muito forte é que percebe que está exagerando e vai se deitar.

Agora aquele que sempre foi o meu quarto, e que em breve será seu também, só tem um ar mais zen. Não tem nem berço. Ficou guardado na casa da vovó, lugar inofensivo e clandestino. Onde poderei deixar o carrinho também.

O meu – o nosso? – quarto está vazio, a não ser pelo colchão em cima de um estrado de madeira. É o festival das quinas, perfeito para um recém-nascido: você pode bater onde quiser e ainda tem muitas chances de se machucar, mas se machucar de verdade. Além de uma mamadeira, te garanto um belo corte.

Também não quero o carrinho. Mas é um presente. A amiga o está levando em casa de carro para mim. Não posso falar não. Vou atrás de bicicleta. Ajudo a pôr o carrinho no elevador e a subir um andar. Coloco-o na sala. Meu deus, ele não podia ficar na sacada? Quem sabe escondido no fundo, onde não vejo. Seu papai é um entusiasta. Quer abrir a caixa e montar o carrinho de imediato. Até a amiga está animada. “Vamos abrir – Vamos montar!” Quero me trancar no banheiro. Ideia. “Não, espera, aberto e montado ocupa muito espaço... melhor deixar como está”. Vejo a desilusão nos olhos deles. Se seguem segundos de silêncio, daqueles intermináveis. Depois eles se aproximam da caixa. Cristo, é impossível impedi-los. Arrancam pedaços de fita e levantam abas de papelão. Quase desmaio. Retiram, em parte, o carrinho. Ânsia. Depois concordam comigo: “Melhor não, virou uma bagunça...”. Ufa. Fora de perigo. Me lanço sobre o objeto de desejo deles e o reembolso como posso. Encosto a caixa em um canto. Que perturbe o menos possível. E não é só por uma questão de espaço físico.

Não te imagino. Mas tenho medo. Tenho medo de que você possa ser cego, surdo, mudo. Todas as coisas que uma amniocentese não pode dizer. Também tenho medo de que te falte um braço, ou uma perna. Coisas que a ecografia desconjurou, mas quem sabe. Tenho medo de que você seja burro e feio.

Não sou uma babaca. São coisas que quase todas as mães temem. Está escrito até nas revistas femininas. É verdade que nem todas as mães temem essas coisas. Mas eu sim. Faço parte do outro grupo. Não, calma, não é o grupo das idiotas. É aquele das que não confiam. Nem na vida, nem em si mesmas.

Portanto, temo. Mas não é de todo verdade que não te imagino. Finjo que não, mas bem lá no fundo acho que você é marrom: pele, cabelos, olhos. Completamente marrom. Como seu avô. Os traços marrons sempre vencem. É o que dizem. Nunca acredite nos cálculos genéticos. Nunca aposte tudo no DNA.

Também acho que você possa ter dreads. Sim, de nascença. É provável que depois do seu primeiro choro você não balance a bandeira da Jamaica, mas, bem, quase isso. E por que Jamaica e não Índia? De fato, a Índia é a pátria do seu avô, mas produziu gurus e não reggae, e eu prefiro a música. Mas esses são apenas detalhes. Para mostrar que chegou ao mundo você vai berrar “Inhéééé” invés de cantar *No woman no cry*. E eu, quem sabe, vou conseguir aturar.

São quatro da manhã, rastejo pelo chão e me agarro aos móveis. Nunca senti uma dor de estômago como essa. Por fim, me dou por vencida e ligo para a ginecologista. Ela me aconselha a ir ao hospital. Vamos. Comigo não levo nada. Acho que vão me dar alta rapidamente com um bom analgésico em mãos. Me levam de imediato para a sala de parto. Você está para nascer. Camiseta e calça *flare* pretas, coturnos vermelhos. Espero que alguém me compre uma bata bordada e chinelos rosa. Isso aqui não é uma rave.

Empurra, empurra, empurra. Eu não consigo mais. Você não sai. “Quero a epidural”. “Me dá um cigarro”. “Eu volto amanhã”. Nada. Nada de anestesia, nada de fumar, nada de ir para casa. Fico ali. Primeiro sentada na banheira, depois de cócoras no chão, por fim, deitada no leito. Seu papai acaricia meus cabelos e segura minha mão. A obstetra me diz: “Você está indo muito bem”. Os elogios ajudam no parto? Eu não brigo com eles, não grito palavrões e não me lanço em berros descontrolados. Quero só a epidural, um cigarro e voltar amanhã. Ah, se fosse possível. A obstetra sentencia: “Você não quer que ele saia”. Caralho, ela fez medicina ou psicologia? “É claro que não, você conhece muito bem a baderna aqui de fora”. Chega uma mulherzona. Ela empurra minha barriga. Você sai. Quatorze (14!) horas de trabalho de parto. Olha só, você estava brincando com o cordão umbilical. Eu sabia. Não dava para você ficar só meditando de braços cruzados e cabeça baixa. Pensando bem, preferia um guru. Nem queria mesmo um cantor de rastafari. Enfim, você saiu. E berrou “Inhéééé”. *No Woman, no cry* vou ouvir na rádio. Me perguntam se quero te pegar no colo. Não sou boba. Talvez te falte um pedacinho do corpo, eu morreria fulminada. Ok, sou uma vaca. De qualquer modo, seu papai te pega no colo, ele que cuidou de mim o tempo todo sem fumar um cigarro sequer. E só por isso já é admirável. E ainda cortou seu cordão umbilical. Você é de nós dois, não é só meu. Eu pergunto: “Como ele é?”. Ele me responde: “Lindo”. Nem para dizer branco, loiro, de olhos azuis.

Me levam para um quarto asséptico e me fazem deitar em uma cama. Ele já chega, me dizem. Estão te examinando. Você é perfeitamente saudável. Te trazem para mim. Te pego nos braços e te aproximo do meu seio. Você começa a sugar. É mágico. Eu queria que você não se desgrudasse nunca mais. A minha vida, agora, tem o seu significado. Te amo. Nunca senti algo assim. Tão perfeito e pleno. Nessa, na sua, doce fragilidade.

Seu papai vem nos visitar todos os dias, assim que pode. Seu olhar, e seu abraço, são absoluta e imensa poesia, que ele dedica a você.

Você tem dois meses. Vamos na pediatria. “Esse bebê tem olhos azuis”. “Capaz, é porque eu o amamento, depois a cor muda e os olhos ficam castanhos”. Crença popular. Ela rebate com sabedoria médica: “Não, não, eles são azuis mesmo”. Ah, vai se foder! Ela intui que estou desorientada. Dispara a pergunta: “Você está feliz de ter essa criança?” Meu deus do céu, mas o que isso tem a ver? Claro que estou feliz. É só um pequeno erro cromático.

Um ano e meio se passou. Você é ligeiramente âmbar, castanho claro, com olhos verde-acinzentados. Você é lindo. Lindíssimo. Puxou a quem? Sabe deus. Você fez uma mistura toda sua, escolhendo bem entre os genes claros. Catarrento. Você é perfeito para um comercial da Pampers. Por um segundo pensei em lucrar com sua aparência. Depois lembrei do seu papai, que sempre falou que as modelos são: “Carne para o abate”. Charque. Oras, nós dois somos vegetarianos. Mesmo que, talvez, para você uma costelinha não caísse nada mal. Hindu nem por escolha nem por tradição, mas por imposição. Enquanto isso seu avô, católico de nascimento, se farta com filé mignon. E, sempre que pode, vai caçar. Único lazer em uma vida dedicada ao trabalho. E a você, desde o seu nascimento. Ao que você retribui com animados “Ooooohhhhhs” perante a coleção de passarinhos embalsamados dele. O que sempre me pareceu uma exposição macabra para você parece um desfile esplêndido. Imagino vocês em um campo ao amanhecer, ambos com espingarda nos ombros. Essa herança pulou uma geração. São parecidos? Um marrom, o outro branco. Avô e neto. Talvez você também decida estudar medicina. E você vai conseguir virar chefe de setor, porque, se é difícil se deparar com um chefe marrom, é muito fácil tropeçar num chefe branco. Mas, sinceramente, não me importa. Você vai ser o que você quiser. Os meus medos eram outros.

Eu temia. Temia que você também pudesse sofrer discriminações raciais. Na verdade, para mim já está ótimo se não te inscreverem *ad honorem* na Ku klux klan. Basta apenas que não te encontrem com uma foto do seu avô no bolso.

Depois vêm as piadas dos amigos. Uma dentre tantas: “Quando você for buscar ele na creche, os amiguinhos vão perguntar para ele: ‘Quem é essa, sua babá?’”.

Fomos para Bonassola no verão passado. Cheio de bebês. Tem mais carrinhos de bebê (ugh!) que carros. Cheio de babás. Todas indianas, acredita? E os sorrisos de solidariedade que me davam. Eu correspondia por cortesia. Mas queria escrever na testa: “Caras senhoras, não parece, mas eu sou a mãe”.

E repara bem, somos iguais. É só a impressora que errou as cores.

Te dou banho de mar. A minha mão, marrom, passa sobre suas costas, brancas. Estou envergonhada. Eu realmente me sinto a sua babá. Você vai se envergonhar de mim quando crescer? Parecemos duas entidades completamente distintas. E ainda assim, você saiu do meu corpo. De junho a setembro te pus no sol por quatro meses seguidos, mesmo ao meio-dia. “Mas você passou protetor nele?”. “Não, passei bronzeador”. Algum problema? Sim, tem um: você ficou loiro acinzentado.

E continua lindíssimo. Engatinha, socializa, ri. Na praia te adoram. Engatinhando você se aproxima dos outros guarda-sóis. Nunca para no lugar. Você precisa conhecer e explorar. Suspeito que você também precise de família, porém aqui estamos só eu e a vovó. As coisas entre mim e o papai não estão bem. Sinto muito, mas também estou te sujeitando ao mesmo modelo de família separada. Do qual eu mesma não gostei. Todavia, você engatinha, socializa, ri. Você está no meio do mar, escondido em um salva-vidas, e uma senhora nada até você a fim de ver de perto esse esplêndido bebê. Me pergunta: “Você é a mãe?”. “É, hum, sou sim”. Não parece? E, no entanto, eu recebo elogio em cima de elogio. Por causa de você, graças a você. Você se deita em cima de mim, esparramado feito pão em cima da nutella. Você vira do avesso até as coisas mais banais.

Você é amado. Profundamente. O sentimento que mais me comove é o do seu avô. Um dia ele me disse: “Nunca senti o mesmo afeto por você ou pelo seu irmão”. Tem muitas fotos de nós pequenos. Somos iguais a você. Mesmas feições, cores diferentes. Parecemos produtos de um mesmo molde, *made in India*. Que é até mais barato.

Meu pai passeia pela rua e te segura apertado contra o peito, apoiando a tua cabeça no ombro dele. Eu não conhecia esse lado de ternura dele. Você é a infância que, como avô, finalmente ele consegue viver, amar e cuidar. Você extingue seu nervosismo e faz com que remarque seus compromissos. Ele se dedica a você, apagando o mundo ao seu redor e criando um novo universo, no qual existem só vocês dois. Ele, o estrangeiro, e você, o italiano.

Ele chegou aqui de navio, sem dinheiro e cheio de esperanças. Abandonou família e status. Deu por si em uma terra hostil. Lutou para ser reconhecido, como homem e como profissional. E, ainda por cima, um indiano. E marrom. E é o único que não se surpreende com suas cores. Como se, para ele, as cores não existissem. Só uma vez, como o médico competente que é, me disse: “É deficiência de vitamina B, por isso que ele sempre fica corado”. Não, pai, não tem escapatória. Ele é castanho claro, isso quando não exagera com aquele diabo de loiro acinzentado. Mas é só ele crescer mais um pouco que nós passamos uma demão de tinta. Depois o levamos para a Índia.

Na casa da família: vai poder brincar de ser o jovem proprietário de terras branco, transfiguração moderna do Buda. E ao primeiro que gritar “Caralho, os colonizadores ingleses voltaram”, a gente tenta explicar que você é neto do seu avô. Talvez você, a próxima geração,

saberá se aproximar com maior espontaneidade e naturalidade do seu quarto indiano. Que até matematicamente pesa menos e se dilui melhor. Mas, provavelmente, as crianças marrons ainda vão te encarar e apontar, e muito mais. Sempre rindo. Eles não vão conseguir te reconhecer como irmão, mas espero que você consiga. Todavia, vamos para o jardim, embaixo da casa. Um pequeno oásis infantil rodeado por uma rotatória para os carros e cercado pelas paredes dos prédios. Filtra o sol, você nem acredita no sol que está fazendo. Pouquinho, pouquinho. Melhor assim: como um verdadeiro nórdico, você não gosta de calor e luz muito fortes. No balanço tem uma menina negra. Te levo para brincar com ela. Indiferente à aparência, os vejo iguais. Você foge, corre até uma menina branca, loira, de olhos azuis. Dá até um beijinho nela. Você fez de propósito?

Eu, que mal tinha feito amizade com minha metade marrom, esperava poder me enaltecer em um delírio de africanidade. Porque só a Índia já não me bastava. Porque a Índia, país a mim desconhecido, para mim sempre foi apenas uma das várias terras do terceiro mundo. Do qual eu via, na Itália, os emigrados. Os excluídos. Suas situações idênticas. Então Índia, América do Sul ou África: não tinha diferença.

Mesmo assim, observo esse filho nos braços do avô. Um erradicado e o outro radicado, no país no qual – por acaso e por necessidade – nos encontramos. E toda vez que os vejo me comovo. Vocês são uma esplêndida foto, em branco e preto. Clamorosamente diferentes e fortemente unidos. *One blood.*

REFERÊNCIAS

KURUVILLA, G. *et al.* Ruben. *Pecore Nere*. 1ª Edição. Roma-Bari: Gius. Laterza & Figli Spa, 2005. pp. 83-94